

Tércio de Lima Amaral*

tercio.amaral@uol.com.br

Aline Maria Grego Lins**

aligreg@uol.com.br

Resumo:

Formado pela Faculdade de Direito do Recife, Mauro Mota (1911-1984) foi um importante intelectual de Pernambuco no século 20. Ligado ao sociólogo Gilberto Freyre, sua obra é dinâmica e perpassa temas como questões sociais, poesias e reflexões sobre comunicação. Eleito em 1970, na cadeira ocupada por Gilberto Amado, o pernambucano contou com uma ampla rede de relacionamento para conquistar a imortalidade. Nosso artigo objetiva mostrar essas relações, renegadas em biografias, por meio da análise de três publicações nacionais brasileiras: *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* e *O Jornal*, exercitando o poder de memória dos jornais.

Palavras-chave:

Intelectuais, instituições e memória; História do jornalismo impresso; Academia Brasileira de Letras.

Abstract:

*A graduate of the Faculdade de Direito do Recife, Mauro Mota (1911-1984) was an important intellectual from Pernambuco in the 20th century. Related to the sociologist Gilberto Freyre, Mota's work is dynamic and covers themes such as social issues, poetry and reflections on communication. He was elected in 1970 to the position occupied by Gilberto Amado, and he had a wide relationship network to achieve immortality. Our article aims to show these relationships, reneged in biographies, by analyzing three Brazilian national publications: *O Estado de S. Paulo*, *O Globo* and *O Jornal*, exercising the memory power of newspapers.*

Keywords:

Intellectuals, institutions and memory; History of print journalism; Brazilian Academy of Letters.

* Doutorando em História na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Possui graduações em História pela Universidade de Pernambuco (UPE) e em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap). Atua, principalmente, nos seguintes temas: história da imprensa em Pernambuco na primeira metade do século 20, suplementos literários e cadernos especiais.

** Aline Grego possui graduação em Comunicação Social Jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco (1981), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco (1985), mestrado em Educação pela Fundação Getúlio Vargas - RJ (1993) e doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2000). Atualmente é professora Adjunta da Universidade Católica de Pernambuco. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em audiovisual : televisão, história da imprensa, projetos experimentais, comunicação e cidadania, comunicação na escola e produção telejornalística.

Introdução

“A minha entrada na Academia Brasileira de Letras só foi possível porque meus conterrâneos de Nazaré, do Recife e do Estado de Pernambuco me ofereceram o fardão, o colar e a espada, uma vez que poderia jamais comprar tais objetos” (MAURO, p. 2, 1971), simplifica o imortal Mauro Ramos da Mota e Albuquerque, mais conhecido como Mauro Mota, sobre sua entrada na Academia Brasileira de Letras (ABL) para a Cadeira 26, ocupada anteriormente pelo embaixador Gilberto Amado, em 8 de janeiro de 1970. O depoimento foi concedido a *O Jornal*, do Rio de Janeiro, em 6 de novembro de 1971, e faz parte de uma entrevista concedida pelo intelectual ao Museu da Imagem e do Som, também da capital carioca, do qual o jornal autointitulado “órgão líder” do grupo *Diários Associados* reproduziu. Este artigo tem como objetivo analisar os bastidores e a rede de relacionamento da eleição de Mauro Mota por meio da análise da cobertura de três publicações nacionais entre os anos de 1969 e 1971, fazendo um exercício documental por meio desses jornais no período do regime militar-civil (1964-1985). Nossa intenção é analisar esses fatos não debatidos nas duas biografias já produzidas sobre Mauro Mota.

A primeira delas *As diabruras de Mauro Mota* (1986), do médico e antropólogo Waldemar Valente, e *Mauro Mota e seu tempo* (1987), do jornalista Nilo Pereira. Essa rede de relacionamento, não explorada por essas biografias produzidas por dois amigos, foi determinante na conquistar da imortalidade de Mauro Mota. Nomes como Álvaro Lins, João Cabral de Melo Neto e o general Lyra Tavares foram ou decisivos e ou estavam próximos do processo de articulação revelado por esses jornais. Neste sentido, dialogamos com o trabalho do historiador francês François Dosse (2015), que argumenta que uma biografia está suscetível a diversas atualizações ao longo do tempo. “A biografia de um pensador implica reaver, à maneira de Starobinski, a unidade do gesto que é o seu, próprio de seu ser, sabendo que este é suscetível de múltiplas alterações e modificações” (DOSSE, 2015, p. 375), destaca, ao considerar que o significado de uma vida nunca é unívoco, tanto pela importância das mudanças do tempo e a recepção da obra do biografado, que é correlativa do momento e do meio que se apropria. Álvaro Lins era pernambucano, foi crítico literário, diplomata e imortal da ABL desde o ano de 1955, além de ser amigo de infância e de adolescência de Mauro Mota. João Cabral de Melo Neto também era pernambucano, foi poeta, diplomata e imortal da ABL desde 1968, sendo também primo de Mauro Mota. Já Lyra Tavares foi uma figura presente no processo de eleição de Mauro Mota antes mesmo de se candidatar a uma vaga na academia.

Analisamos as edições de três jornais: *O Estado de S. Paulo*, da então maior capital brasileira e centro financeiro do país, São Paulo, e os jornais *O Globo* e *O Jornal*, ambos do Rio de Janeiro, cidade ainda importante no jogo político e cultural brasileiro no período. No caso do *O Jornal*, além de estar localizado no Rio de Janeiro, esse impresso foi o primeiro veículo de comunicação do jornalista paraibano e fundador dos *Diários Associados*, Assis Chateaubriand, conglomerado que chegou a ser considerado um dos mais importantes do mundo nas décadas de 1950 e 1960. *O Jornal* servia como vitrine para os demais profissionais dos *Associados* no país, que conseguiam emplacar matérias e entrevistas. As edições do *O Estado de S. Paulo* compreendem o recorte de 10 de outubro de 1969, quando Mauro Mota, antes da eleição, já declarava que

Mauro Mota: relações de um imortal na ditadura e o exercício da memória pela imprensa
esperava a vitória, até 5 de junho de 1970, na cobertura da morte de Álvaro Lins, que seria o responsável pelo discurso de recepção do amigo e novo imortal. Já as de *O Globo* são de 9 de janeiro de 1970 até 25 de outubro do mesmo ano. E de *O Jornal*, de 9 de janeiro de 1970 até 6 de novembro de 1971. Analisamos três reportagens do *Estadão*, duas de *O Globo* e sete de *O Jornal*.

A baixa quantidade de páginas do *Estadão* e de *O Globo* reflete uma opção editorial das Organizações Globo e do Grupo Estado, que concorriam diretamente com os *Associados*. *O Globo*, fundado em 1925 por Irineu Marinho, pai do jornalista Roberto Marinho, era um jornal importante do Rio. Não era diferente o caso de *O Estado de S. Paulo*, fundado em 1875 e controlado pela tradicional família Mesquita. O grande número de páginas em *O Jornal* se deve ao fato de que, no caso desse jornal, ao contrário dos outros dois, analisamos também artigos publicados pelo próprio Mauro Mota, funcionário *Diários Associados* por meio do jornal *Diário de Pernambuco*, que integrava o grupo na época. Entre as semelhanças editoriais, se destaca o papel dos três jornais no apoio ao Golpe de 1964. A escolha de jornais fora de Pernambuco, estado natal de Mauro Mota e o qual ele dedicou sua carreira na imprensa, teve como objetivo comparar o desempenho do jornalista e poeta a partir do olhar de fora do estado, para poder flagrar, assim, uma dimensão do seu trabalho no país. Além disso, essa não foi uma documentação explorada pelos dois biógrafos de Mauro Mota até então em seus respectivos trabalhos. Apesar de o nosso esforço central ser baseado na análise dos jornais como exercício de memória, também dialogamos na produção deste artigo fontes como o depoimento de Mauro Mota ao Museu da Imagem e do Som, do Rio de Janeiro, em 1971, seu acervo de cartas disponíveis na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), no Recife, e o trabalho do historiador Diogo Cunha, referência no estudo sobre a relação dos intelectuais brasileiros e a Academia Brasileira de Letras (ABL) no regime militar.

Nascido, oficialmente, em 16 de agosto de 1911, no Recife, apesar de um estudo mostrar que a data foi forjada para disfarçar o atraso na conclusão dos estudos, Mauro Mota foi crítico literário, gestor de instituições científicas e culturais, jornalista, professor e poeta. Sua carreira foi marcada pelo alcance nacional de sua obra literária e a fidelidade ao sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, mesmo que, em alguns momentos, essa relação tenha sido problemática. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, não prosseguiu na atividade jurídica. No jornalismo, por outro lado, desempenhou importantes funções e foi presença certa nos impressos pernambucanos por quase cinquenta anos. Começou como secretário e chegou ao cargo de redator-chefe do jornal *Diário da Manhã*, entre os anos de 1935 e 1941. No *Diário de Pernambuco*, iniciou no ano de 1941, onde começou como redator, mas posteriormente assumiu diversos cargos, inclusive os de secretário de redação, editor e até diretor da empresa. Neste jornal, contribuiu com artigos até próximo de seu falecimento, em 22 de novembro de 1984, na capital pernambucana. Mauro Mota foi ainda diretor executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), atual Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), membro dos Conselhos Estadual e Federal de Cultura, imortal da Academia Pernambucana de Letras.

Foi, ainda, professor de geografia do Instituto de Educação de Pernambuco - IEP, além de outros colégios recifenses, e diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (APEJE). Era filho de José

Feliciano Mota e de Aline Alice Mota Albuquerque, união que deu ao poeta dez irmãos. Em 1939, casou com Hermantine Soares Cortez, com quem teve os filhos Roberto e Luciana, ficando viúvo em 1947. Em 1949, casou com Marly Arruda, com quem teve Maurício, Sérgio, Eduardo e Teresa Alexandrina. O seu primeiro trabalho de projeção nacional são as *Elegias*, publicadas em livro no ano de 1952, vencedor do Prêmio Olavo Bilac, da Academia Brasileira de Letras. Graças à repercussão positiva, foi uma das referências para sua entrada posterior na ABL. As *Elegias* – poesias tristes, composta como lamento de morte – são dedicadas à sua primeira mulher, Hermantine Soares Cortez. As poesias marcadas pela figura feminina são consideradas “seu principal trabalho poético e o mais conhecido pela crítica” (PEREIRA, 1985, p. 75). Após esse trabalho, foram publicados, pelo menos, mais 11 livros com poesias, entre os anos de 1956 e 1983 (REVISTA, 1987). Como cientista social, Mauro Mota deixou uma obra considerável dos anos 1940 aos 1980, quando atingiu, na nossa avaliação, sua “maturidade intelectual”.

É bom mencionar que boa parte desses livros é dedicada aos hábitos de alimentação, ao debate sobre história de Pernambuco, as dificuldades e soluções ao homem do Nordeste, a discussão em torno da linguagem e também da literatura. Parte da produção voltada às ciências sociais do autor está balizada temporalmente no período em ele que exerceu a diretoria executiva do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). Paralelo aos seus registros poéticos – que não vamos analisar aqui – sua obra é relacionada a perdas e certa inquietação sobre a passagem do tempo. Foram mais de 20 livros publicados, sem contar as reedições, prefácios e artigos, entre os anos de 1952 e 1984 (REVISTA, 1987). Nosso artigo se concentra em dois eixos temáticos: o primeiro dedicado às relações políticas e de poder de Mauro Mota; e o segundo tratando os bastidores da sua eleição enquanto imortal da Academia Brasileira de Letras, em 1970.

Política, poder e cultura no regime militar

A análise das três publicações – *Estadão*, *O Globo* e *O Jornal* – nos permite traçar um percurso político de Mauro Mota ausente em suas biografias já produzidas e citadas por nós, além de outros estudos sobre seu papel no jornalismo pernambucano. Para citar um exemplo, o jornalista e escritor Jodeval Duarte (2001), que produziu um livro sobre o suplemento literário que o imortal editou no *Diário de Pernambuco*, entre os anos de 1947 e 1959, também ajuda a mitificar a ideia que Mauro Mota estava alheio à política. O autor reproduz um artigo do poeta Waldemar Lopes que relata que “faltou a Mauro Mota a emoção da atividade partidária” (JODEVAL, 2001, p. 211). No entanto, boa parte da carreira de Mauro Mota cruzou ou dependeu, total ou parcialmente, da política, seja ela partidária ou não. Os primeiros registros da ação política do poeta aconteceram na Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento de extrema direita, simpático ao fascismo. Mauro Mota figura entre os primeiros líderes do movimento em Pernambuco na Faculdade de Direito do Recife. Entre eles, estavam também Álvaro Lins, amigo de infância, João Roma, Gilberto Osório de Andrade e Lúcio Costa Pinto, sendo esses conhecidos intelectuais pernambucanos.

Em prontuário no Departamento de Ordem Polícia e Social de Pernambuco (DOPS-PE), uma fotografia reproduz Mauro Mota junto com alguns desses personagens como “os primeiros camisas verdes da província de Pernambuco” (MORAES, 2014, p. 13). Intelectual posteriormente identificado com a esquerda e com papel de destaque nos anos 1960, Paulo Cavalcanti afirma que conheceu Mauro Mota logo depois da Revolução de 1930 e, junto com ele, comungou no Integralismo ao lado de incrédulos da política. “Uma geração de moços intelectuais viu-se envolvida nas malhas do fascismo, acreditando em suas promessas. Era a geração de (...) tantos e tantos que, de alma leve, buscavam caminhos diferentes para solucionar velhos problemas sociais”. (CAVALCANTI, 1993, p. 109). Na verdade, a mitificação do sujeito apolítico de Mauro Mota também parte do próprio poeta. Na seção *O que eles pensam, dizem, fazem*, de *O Jornal*, de 23 de fevereiro de 1957, ele afirma as dez coisas que mais detesta, entre elas está a política. O curioso é que escrever é uma delas. “1. Cebola; 2. Mexerico; 3. Política; 4. Escrever; 5. Acordar cedo; 6. Telefone; 7. Rádio; 8. Roupa de casimira; 9. Emprestar livros; e 10. Hora certa” (O QUE, p. 3, 1957), confessa.

Na verdade, durante o período do regime militar, Mauro Mota, assim como outros intelectuais, mantinham relações com o poder, quando não dependiam dessas relações, para ocupar espaços de destaque, sobretudo em instituições científicas e culturais. Apesar de não estar no recorte proposto de nosso artigo, um dos exemplos dessa rede é registrada pelo jornal *O Estado de S. Paulo*, edição de 19 de abril de 1966. A matéria *Poeta recebe condecoração* trata da cerimônia, no Palácio das Laranjeiras, no Rio de Janeiro, em que o poeta pernambucano e imortal da Academia Brasileira de Letras, Manuel Bandeira, recebe Ordem Nacional do Mérito, grau comendador, do então presidente e ditador brasileiro Castelo Branco. “Após o presidente da República ter destacado o significado da entrega da condecoração, discursou o sr. Roberto Marinho. Bandeira agradeceu em rápidas palavras, acentuando que a Ordem Nacional do Mérito é a primeira condecoração que recebe em vida” (POETA, p. 1, 1966). Apesar de ainda não ser da academia, Mauro Mota esteve presente. É bom destacar que sua relação com o regime, na época, se traduzia pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), instituição de pesquisa que dirigia no Recife e cujo cargo, ocupado desde o ano de 1956, ou seja, antes da implantação da ditadura, era de livre nomeação do Ministério da Educação.

A cerimônia foi acompanhada pelos acadêmicos Austregésilo de Athayde e Múcio Leão. O marechal Castelo Branco, segundo a reportagem, recebeu dois livros de presente de Manuel Bandeira, *Meus poemas preferidos*, de sua autoria e com dedicatória, e um estudo do escritor francês Michel Simon sobre sua obra. De acordo com o historiador Diogo Cunha (2014), a Academia Brasileira de Letras atuou durante o regime militar-civil de 1964 como “uma correia de transmissão, difundido um discurso conservador enquanto discurso neutro e ‘apolítico” (CUNHA, 2014, p. 548). Segundo o historiador, que realizou uma análise prosopográfica, entre os anos de 1961 e 1979, com 71 pessoas que ocuparam cadeiras na academia, esses intelectuais faziam parte de uma rede de sociabilidade conservadora, que incluíam membros da elite política e econômica (CUNHA, 2014, p. 547).

Aliás, o historiador Diogo Cunha faz uma análise do papel de Austregésilo de Athayde como articulador da academia com o regime. Presidente da instituição desde o ano de 1959, ele ocupou o cargo até o fim da vida, em 1993. Na sua gestão que um Centro Cultural, na verdade um grande edifício projetado com recursos da Caixa Econômica, ao lado da sede da Academia, foi construído com o objetivo de arrecadar receitas para a instituição. O empreendimento, que mais tarde recebia o nome de Palácio Austregésilo de Athayde, contou com a articulação do general Lyra Tavares, posteriormente, eleito imortal. É bom salientar, no entanto, que, apesar das relações com o regime militar, nesse mesmo período, alguns intelectuais ligados à esquerda também foram eleitos para a academia, como foram os casos de Fernando de Azevedo, Hermes Lima, João Cabral de Melo Neto, José Honório Rodrigues e Antônio Houaiss, entre 1967 e 1971 (CUNHA, 2014, p. 554). Mas esses intelectuais não tinham o discurso dominante e nem tomavam as decisões estratégicas da casa.

O historiador, inclusive, indica que a academia chegou até a vetar nomes, como o do ex-presidente Juscelino Kubitschek, para agradar os militares. “Mas é difícil imaginar que Austregésilo de Athayde, obcecado pelos favores dos donos do poder, não tenha um papel decisivo. O ex-presidente não tinha dúvidas sobre a atuação de Athayde e a derrota o abateu profundamente” (CUNHA, 2014, p. 553). Neste sentido, compartilhamos da análise do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1996), que chama a atenção sobre as disputas internas no campo intelectual e seus desfechos, que, segundo ele, são arbitradas pelas sanções externas. Ou seja, em nosso caso, das relações que a Academia matinha como poder político durante o regime militar de 1964. “As lutas que se desenvolvem no interior do campo literário (etc.) dependem sempre, em seu desfecho, feliz ou infeliz, da correspondência que possam manter com as lutas externas e dos apoios que uns e outros possam encontrar aí” (BOURDIEU, 1996, p. 285).

A eleição e posse na Academia Brasileira de Letras

A candidatura, a eleição e posse de Mauro Mota à Academia Brasileira de Letras (ABL) foram amplamente divulgadas nas “publicações nacionais” analisadas neste artigo. Segundo *O Jornal*, ele foi o quinto jornalista do *Diário de Pernambuco*, jornal também dos *Diários Associados*, a integrar os quadros da Academia. O próprio Mauro Mota lembrou-se do fato em discurso no Caxangá Ágape, no Recife, onde recebeu homenagem. A notícia publicada no dia 24 de janeiro de 1970, foi enviada do Recife ao Rio de Janeiro por meio da *Agência Meridional*, também dos *Associados*. “Outros imortais redatores do jornal associado foram Gilberto Amado, Aníbal Freire, Artur Orlando e Assis Chateaubriand” (JORNAL, p. 2, 1970).

O Estado de S. Paulo também destacou a entrada do poeta desde o processo de candidatura. “O poeta Mauro Mota espera ser eleito sem dificuldade (...) na cadeira que foi ocupada por Gilberto Amado, porque durante as duas semanas que permaneceu na Guanabara, antes de retornar ao Recife, sentiu a receptividade aliançada por seu nome” (MAURO, p. 69, 1969), diz matéria publicada em 10 de outubro de 1969. Mauro Mota concorreu com o jurista e professor, Thiers Martins Moreira, e venceu a eleição no dia 8 de janeiro de

1970 com 21 votos contra 16. Apenas o acadêmico Odilo Costa Filho não votou, porque não tinha assumido ainda a cadeira. “Tão logo terminou a eleição, os acadêmicos presentes se dirigiram ao Hotel Flórida, no Catete, para homenagear o novo acadêmico. O general Lira Tavares compareceu ao hotel” (MAURO, p. 2, 1970a), disse *O Globo* em matéria de 9 de janeiro de 1970. O general estava candidato à Academia para a vaga deixada por Múcio Leão e concorreria com o poeta alagoano Lêdo Ivo, que acabou derrotado na disputa, mas que, posteriormente, foi eleito imortal em outra disputa já em meados da década de 1980.

A matéria de *O Globo* ainda trata da relação familiar do vitorioso com o também acadêmico João Cabral de Melo Neto, poeta e diplomata pernambucano. Os dois eram primos. João Cabral contou que estava em Barcelona, no Consulado do Brasil, quando recebeu um telegrama de Mauro Mota que se passou pelo bisavô que os dois tinham em comum: Seu Melo das Tabocas. “Quero seu voto para Mauro, porque quero dois bisnetos na Academia. ‘Seu Melo do Engenho Tabocas’” (MAURO, p. 2 1970a). Reconhecendo a brincadeira, segundo o jornal, João Cabral respondeu o seguinte: “Como não sei em que círculo do céu, inferno ou paraíso posso localizar ‘Seu Melo das Tabocas’, mando-lhe o voto por seu intermédio” (MAURO, p. 2, 1970a). Na verdade, Mauro Mota, por meio de suas relações e da imprensa, anteriormente, contribuiu, mesmo ainda não sendo do quadro da Academia, com a candidatura e posterior vitória de João Cabral de Melo Neto, em 1968, para a cadeira do jornalista Assis Chateaubriand.

“Recebi, ainda no Recife (respondi agradecendo), officios de Gilberto e de Delgado, em uma do Conselho de Cultura e da Academia, congratulando-me, por proposta sua, com minha eleição para a vaga de Chateaubriand” diz João Cabral em correspondência a Mauro em 9 de setembro de 1968 (MELO NETO, 1968). A carta faz parte da coleção de Mota doada ao acervo da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). “Como foi quem deu as duas propostas, aqui estou para lhe agradecer. Não lhe disse nada naquele dia na Câmara de Deputados, onde apenas o intuir, porque só depois é que recebi os officios. Muito obrigado, meu caro, e vá se preparando para se candidatar também”, completa a carta. Além da campanha do primo acadêmico, Mauro Mota também contou com a influência de outro imortal: o seu amigo de infância, de militância e companheiro de fase adulta, Álvaro Lins, que inclusive estava preparando o discurso de recepção do amigo quando faleceu em 4 de junho de 1970. Em artigo publicado em *O Jornal*, Mauro Mota fala da importância de Álvaro na sua vitória.

“Álvaro Lins morreu. Morro um bocado com ele, pois a gente não se acaba de vez. Acaba-se gradualmente com os episódios vividos, com as coisas e as criaturas que ama” (MOTA, p. 4, 1970), afirmou em artigo publicado em 9 de junho de 1970. “Foi o crítico e foi o amigo firme e leal. Durante a minha recente campanha de eleição a A.B.L., lutou a meu favor talvez mais do que o fizesse para ele mesmo” (MOTA, p. 4, 1970). Os dois foram colegas de colégio, na Faculdade de Direito e no jornal *Diario da Manhã*, no gabinete do então governador, Carlos de Lima Cavalcanti, participaram do Silogeu Pernambucano de Letras, e tiveram itinerários recifenses em comum: o fiteiro de Miguel, na Rua da Imperatriz, onde compravam cigarros e

revistas, o Bar da Aurora, nos domingos de regata, os grupos de calçada do Café Lafayette e os banhos de mar (MOTA, p. 4, 1970).

O jornal *O Estado de S. Paulo* apostou no currículo do poeta e na cobertura da vitória de Mauro Mota para a Academia. Destacou, também, que o primeiro voto recebido por Mauro Mota foi de João Cabral de Melo Neto e que a primeira pessoa a receber a notícia da vitória no Hotel Flórida, no Rio de Janeiro, foi a mulher do poeta, dona Marly Mota. Segundo a matéria, Mauro Mota começou a escrever aos 12 anos. Aos 16, teria ingressado na imprensa, no jornal *Diário da Manhã*, do Recife, posteriormente (sete anos depois), ingressado no concorrente *Diário de Pernambuco*. O texto também fala do lançamento literário de Mauro Mota nacionalmente com o livro *Elegias*, de 1952, que foi agraciado com o Prêmio Olavo Bilac, da Academia. Faz, ainda, outras referências a livros publicados pelo poeta, entre prosa e poesia, como *Imagens do Nordeste e Terra e Gente*. “A cadeira de Mauro Mota já teve cinco ocupantes: Guimarães Passos, que foi o seu fundador; Paulo Barreto, Constâncio Alves, Ribeiro Couto e Gilberto Amado, que faleceu em agosto último, com 82 anos”, diz o texto de 9 de janeiro de 1970 (MAURO, p. 9, 1970b).

A cobertura mais elogiosa e completa ficou com *O Jornal*. A publicação, na edição do dia 9 de janeiro de 1970, não poupou adjetivos a Mauro Mota, como “retumbante estreia” (PERNAMBUCANO, p. 2, 1970) ao se referir à publicação das *Elegias*, em 1952. A publicação chegou a entrar em detalhes, em outras matérias, sobre até quem produziria o fardão, doado pelo então governador de Pernambuco, Nilo Pereira. “Venho trazer-lhe em comovido abraço o testemunho franco do regozijo do povo do seu Estado por ver mais um irmão atingir a glória da imortalidade” (NILO, p. 11, 1970), noticia o jornal, ao publicar uma nota do governador pernambucano na edição de 11 de janeiro de 1970. O fardão foi produzido, no Rio de Janeiro, pelo alfaiate Orlando Pena, que na mesma época produzia os fardões de dois novos imortais, Odilo Costa Filho e do general Lyra Tavares. “Explicou o alfaiate, que o trabalho é cobrado, uma vez que a confecção se reveste de todos os cuidados. Após tirar as medidas do novo freguês, cortar e fazer cinco provas, no mínimo, para que o roupão fique bem modulado no corpo” (ALFAIATE, p. 10, 1970), destaca o texto de 3 de junho de 1970. O texto também trata do material do fardão: toda roupa era confeccionada em casimira especial, forrada em seda, ambas pretas.

Além do fardão, havia o chapéu tipo Napoleão, também preto com fios de ouro e plumas de avestruz. “A Pelerine – capa para ser usada sobre a roupa – também é de casimira preta (...). Ao alfaiate Pena cabe a parte de corte e costura, os bordados estão a cargo da bordadeira Nereida e o chapéu é com o Sr. Oscar” (ALFAIATE, p. 10, 1970). *O Jornal* também, em edição de 6 de novembro de 1971, traz o depoimento de Mauro Mota, reproduzido a partir de uma entrevista ao Museu da Imagem e do Som, no Rio de Janeiro, sobre as doações que recebeu para a posse na Academia Brasileira de Letras. “A minha entrada na Academia Brasileira de Letras só foi possível porque os meus conterrâneos de Nazaré, do Recife e do Estado de Pernambuco me ofereceram o fardão, o colar e a espada, uma vez que jamais poderia comprar tais objetos do meu bolso” (MAURO, p. 2, 1971).

O Jornal, em 28 de agosto de 1970, também fez a cobertura da posse do novo imortal, colaborador dos *Diários Associados* em Pernambuco, dando ênfase ao currículo e o discurso de saudação realizado pelo imortal Adonias Filho, reforçando seus laços com o Nordeste, região que, apesar da dimensão nacional, nunca a deixou. “A vossa vida de homem, nascido e educado no Recife, será para sempre a vida de um escritor do Nordeste” (MAURO, p. 3, 1970).

Considerações finais

Ao analisar a trajetória de Mauro Mota durante o período em que ele conquistou um assento na Academia Brasileira de Letras, na década de 1970, em pleno auge do regime militar civil de 1964, só foi possível por meio do exercício documental dos jornais impressos como um espaço de memória. Mesmo que essas publicações não tenham sido, necessariamente, um registro voluntário, como distingue o filósofo Paul Ricoeur (2007) para tratar das formas de arquivamento, elas são capazes não só de trilhar uma trajetória inédita de Mauro Mota enquanto intelectual – e ainda não explorada por estudos já concluídos sobre ele – como também escrever mais um capítulo da história intelectual brasileira e nordestina. “A autenticação do testemunho só será então completa após a resposta em eco daquele que recebe o testemunho e o aceita; o testemunho, a partir desse instante, está não apenas autenticado, ele está acreditado” (RICOEUR, 2007, p. 173). Acreditamos, assim, que esses jornais que denominamos “nacionais” são testemunhas intermediárias do conhecimento histórico através do tempo.

Ao optar por analisar matérias de “publicações nacionais”, fora do Estado de Pernambuco, terra natal de Mauro Mota, objetivamos um afastamento formal das relações que ele mantinha com a imprensa pernambucana. Até porque essa aproximação territorial poderia podar, por vezes, críticas, ou até mesmo exagerar em elogios ao intelectual. Optamos por construir essa trajetória por meio da análise do jornalismo impresso como fonte histórica na construção do que se convencionou chamar de biografia intelectual. De acordo com a historiadora Sabina Loriga (2011), que é uma das referências do debate historiográfico na produção de biografias, numerosos estudiosos privilegiam uma narração cronológica seguindo as escansões biológicas da existência: o nascimento, a carreira, a maturidade, o declínio e a morte.

“Mas isso não implica que a biografia deva necessariamente repousar sobre uma trama cronológica. Basta pensar em Plutarco, que coloca toda ênfase no caráter e nas qualidades morais do personagem, e não em sua vida” (LORIGA, 2011, p. 18). No nosso caso, optamos por fazer o nosso artigo a partir da imagem construída para e pelo nosso personagem em jornais dos estados mais importantes do país na época, seja por ser o centro do poder, ou mesmo como local de consagração de literatos com obras de pretensão nacional. Por meio dessa análise, podemos constatar a importância dos *Diários Associados* na consolidação do nome de Mauro Mota na outrora capital federal, por meio de seus próprios artigos publicados e mesmo da atenção em repercutir suas obras e sua carreira, seja como gestor de instituições, jornalista ou poeta.

A leitura desses jornais também nos proporcionou exercitar a documentação de veículos impressos no Brasil – que hoje travam uma batalha pela sobrevivência dos seus jornais – como registro precioso da

história da intelectualidade. Mauro Mota foi um dos poucos intelectuais de sua época que, para ter o reconhecimento nacional, não precisou, necessariamente, sair do seu estado. Em parte, esse feito só foi possível graças à cobertura e o espaço que conquistou nessas publicações fora de Pernambuco.

Referências:

- ALFAIATE apronta fardões “imortais”. O Jornal, Rio de Janeiro, p.10, 3 jun. 1970.
- BOURDIEU, Pierre. As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CAVALCANTI, Paulo. Homens e ideias do meu tempo. Recife: Nordestal, 1993.
- CUNHA, Diogo. Intelectuais conservadores, sociabilidade e práticas da imortalidade: a Academia Brasileira de Letras durante a ditadura militar (1964-1985). História Unisinos, São Leopoldo, RS, v.18, n.3, p.544-577, set./dez.2014.
- DOSSE, François. O desafio biográfico: escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- DUARTE, Jodeval. Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota. Recife: Comunigraf, 2001.
- JORNAL em poucas palavras. O Jornal, Rio de Janeiro, p.2, 24 jan. 1970.
- LORIGA, Sabina. O pequeno x: da biografia à história. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- MAURO Mota depõe no MIS. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 2, 6 nov. 1971.
- MAURO Mota eleito para Academia no 1º escrutínio. O Globo, Rio de Janeiro, p.2, 9 jan. 1970a.
- MAURO Mota espera entrar na Academia. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 8, 10 out. 1969.
- MAURO Mota, o novo imortal. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 9, 9 jan. 1970b.
- MAURO toma posse como novo imortal. O Jornal, Rio de Janeiro, p.3, 28 ago. 1970c.
- MELO NETO, João Cabral. [Correspondência]. Destinatário: Mauro Mota. Recife. 9 set. 1968. Carta pertencente à coleção de Mauro Mota doada à FUNDAJ.
- MORAES, Márcio André Martins de. A importância do sentimento religioso para a interiorização do integralismo em Pernambuco nos anos 1930: o caso do município de Garanhuns. Paralellus: Revista Eletrônica em Ciências da Religião – Unicap, v.5, n.9, 2014. Disponível em: <http://www.unicap.br/ojs/index.php/paralellus/article/view/pdf>. Acesso: 10 jun.2019.
- MOTA, Mauro. Amigo firme e leal. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 4, 9 jun. 1970.
- MOTTA, Roberto. Mauro Mota, Memória, Data e Festa. Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, Recife, n. 65, 2012.
- NILO dará fardão a Mauro. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 11, 11 jan. 1970.
- O QUE eles pensam, dizem, fazem. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 3, 22 fev. 1957. Segunda Secção.
- PEREIRA, Nilo. Mauro Mota e seu tempo. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, 1987.
- PERNAMBUCANO Mauro Mota o novo imortal. O Jornal, Rio de Janeiro, p. 2, 9 jan. 1970.
- POETA recebe condecoração. O Estado de S. Paulo, São Paulo, p. 1, 19 abr. 1966.
- REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO. Recife: Associação da Imprensa de Pernambuco, v. 1, n. 1, jan./jun. 1987.
- RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.
- VALENTE, Waldemar. As diabruras de Mauro Mota. Recife: Edições Pirata, 1986.

Submissão: 30/03/2021

Aceite: 02/03/2022